

Hansen-Løve, Mia, dir. *Un Amour de Jeunesse/Goodbye First Love*. Les Films Pelléas, 2011.

O amor na juventude constitui um tema dileto do cinema norte-americano e europeu, como evidenciam as películas *A Little Romance* (1979), de George Roy Hill, *Endless Love* (1981), de Franco Zeffirelli, *My Girl* (1991), de Howard Zieff, ou, mais recentemente, *Juno* (2007), de Jason Reitman. Na vasta gama de temas românticos, nenhum assunto toca mais o público do que os amores perdidos ou proibidos. Nesta linha, *Un Amour de Jeunesse* (*Goodbye First Love*, em língua inglesa) representa uma elegia à dolorosa separação entre adolescentes, e ao reencontro, já na idade adulta. O enredo é enganadoramente simples, quase caindo na fórmula “girl gets boy, girl loses boy, girl gets boy back”, mas com um final tão melancólico que suscita a reflexão.

Esta história semiautobiográfica foi escrita e realizada por Mia Hansen-Løve, cujo percurso pelo cinema conheceu diversas etapas: a estreia como atriz, aos dezoito anos, na película *Fin Août, Début Septembre* (1998); o labor de crítica na célebre revista *Les Cahiers du Cinéma*; a direção do primeiro filme, *Après mûre réflexion* (2004). Foi ao efetuar esse último trabalho que descobriu o seu talento como realizadora, cumprido nos filmes seguintes, *Tout est pardonné* (2007), *Le père de mes enfants* (2009) e, agora, neste *Un Amour de Jeunesse* (2011). A realizadora afirma tratar-se de uma trilogia, iniciada pela película mais recente, sob o signo dos riscos do amor, e das dores de crescimento. Em qualquer dos filmes, a protagonista é uma jovem que ultrapassa os obstáculos e que, ao longo do processo, descobre a sua identidade como mulher.

O enredo do filme em análise principia em 1999, quando Camille Shaeffer (Lola Creton), uma rapariga de quinze anos, sensível e ingénua, apaixona-se por Sullivan (Sebastien Urzendowsky), um jovem um pouco mais velho, perdido nos labirintos do idealismo adolescente. O seu primeiro amor é algo ingénuo, mas eufórico, enquadrado pela beleza paisagística de Ardèche, no sul de França. Neste contexto, destaco a capacidade de Hansen-Løve para criar atmosferas, onde a natureza reflete o estado de espírito dos intervenientes, e apresenta uma carga simbólica. O rio, por exemplo, evoca o fluir da vida; o chapéu, levado pela corrente, representa o abandono da adolescência e o ajuste de contas com as memórias, no final do filme. A película é ainda marcada por um erotismo que, ocasionalmente, lembra a estética do fotógrafo e cineasta David Hamilton, que na década de setenta escandalizou o mundo com imagens

granuladas ou esbatidas de adolescentes nuas.

O amor idílico entre os jovens é brutalmente interrompido quando o instável Sullivan anuncia que deseja partir para explorar o mundo, com os amigos. Como repara perspicazmente Philip French, em *The Observer* (6 maio 2012), o nome da personagem constitui uma referência intertextual ao protagonista de *The Sullivan's Travels*, que também parte em busca de si. Esta jornada de autodescoberta através da América Latina prolongar-se-á por dez meses – o que para Camille, profundamente apaixonada, equivale a uma eternidade.

A jovem suporta com estoicismo esta ausência, entrecortada por algumas cartas de Sullivan, ora românticas ora mais desprendidas, que prenunciam o fim da relação. No mapa afixado na parede do seu quarto, Camille vai cravando alfinetes, que pontilham o trajeto do namorado distante, e esforça-se por não cair no desalento. Contudo, a correspondência torna-se, pouco a pouco, mais rara, até cessar abruptamente, quando Sullivan decide que o amor é um peso que o impede de apreciar a viagem. Camille transita da esperança para a constatação dura de que o namorado perdeu o interesse por ela. Como a jovem explica à mãe, Sullivan constitui a “seule raison de vivre”, uma âncora na fase tumultuosa da adolescência, e um ser humano que a compreende. Conseqüentemente, Camille afunda-se no desespero e chega a tentar o suicídio, passando por uma crise de identidade.

Já estudante universitária, a jovem apaixonou-se por um professor de arquitetura divorciado e vinte anos mais velho, o norueguês Lorenz (Magne-Håvard Brekke), no que parecia ser apenas mais um caso entre docente e aluna. Contudo, o carisma, maturidade e temperamento artístico de Lorenz contrastam vivamente com a personalidade imberbe e instável de Sullivan. Assim, e apesar da diferença de idades, o seu amor é tranquilo e verdadeiro, proporcionando a Camille uma base para o seu crescimento interior. Pergunto-me se este relacionamento não será um reflexo do próprio amor entre Hansen-Løve e o marido, o cineasta Olivier Assayas, um homem consideravelmente mais velho.

No entanto, oito anos após a separação, o acaso leva os dois jovens a reencontrarem-se, e a envolverem-se num caso tumultuoso, aproveitando a ausência do marido. É possível reviver e recriar o passado? Será a separação entre Camille e Sullivan, de novo, inevitável?

Pela positiva, *Un Amour de Jeunesse* não resvala para o sentimentalismo que tantas vezes macula este gênero de filme, mas antes leva o espectador a refletir acerca das mudanças na vida e a forma como certas etapas condicionam as relações. Mostra que há sempre um momento

no caminho rumo à maturidade em que é necessário abandonar o quixotismo da juventude, e encarar com determinação as vicissitudes dos relacionamentos. Prova ainda que é difícil ou impossível recriar o passado, mesmo quando a força do desejo impele ainda os amantes. O destino de cada indivíduo é mudar, ao longo da existência, através de numerosos desvios de rumo, marcados por acasos, incidentes ou escolhas. Neste sentido, o filme centra-se menos no enredo e mais no retrato de personagens, bem delineadas, que suscitam a empatia do espectador, sobretudo através da identificação com Camille e da simpatia para com a sua ingenuidade e dor.

Pela negativa, o filme carece de continuidade, por um lado, na montagem, porque as transições entre os planos nem sempre são corretas; e, por outro, porque a caracterização de Camille e de Sullivan não expressa de forma convincente o envelhecimento. O ritmo pausado do filme, que permite apreciar a beleza da cinematografia de Stéphane Fontaine, acelera desagradavelmente, quando, através de elipses, é revelado o percurso de Camille do secundário à faculdade de arquitetura. Consequentemente, a película resulta, por vezes, fragmentária, quebrando-se a atmosfera essencial para prender a atenção do espectador.

Apesar de nem sempre cumprir as expectativas geradas pelo filme precedente da realizadora, *Le Père de mes Enfants*, este *Amour de Jeunesse* merece ser visto atentamente. Pelo retrato amargo e doce que esboça do primeiro amor, por certo, mas sobretudo pela evolução das personagens, bem construídas e empáticas. Acresce dizer que o filme foi distinguido, em 2011, com a seleção oficial em diversos certames cinematográficos, entre os quais o Cannes Film Festival, o Telluride Film Festival e o Toronto International Film Festival, o que revela o apreço da crítica.

JOÃO DE MANELOS